



Olympia no Hospital - Alex Flemming

Pintura acrílica sobre tela, 140 x 200 cm, 2012

Fotografia: Henrique Luz

Olympia no Hospital

Prof^a Dr^a Iara Lis Schiavinatto

Artista contemporâneo brasileiro com obras inseridas em diversos museus públicos de porte - tais como Museu de Arte de São Paulo, Pinacoteca do Estado de São Paulo, MAC/USP, MAM-SP, Museu Afro-Brasil, Museu Nacional de Belas-Artes (Rio de Janeiro), Museu de Arte Moderna Aloisio Magalhães (Recife), Museo Nacional de Bellas Artes de Chile, Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa), Casa de las Americas (Havana), Art

Museum of Latin America (Washington), Ibero-Amerikanisches Institut (Berlim), University of Essex-Collection of Latin American Art - e em coleções particulares, Alex Flemming (1954) foi educado tendo por línguas o português, o inglês e o alemão, tendo como horizontes o mundo brasileiro, o inglês e o germânico. Em entrevistas e depoimentos, ele cultivava uma visão cosmopolita e culta de cultura, dividindo-se entre seu ateliê em São Paulo e outro maior em Berlim¹, onde

¹ É possível vislumbrar a série Apocalipse e seu ateliê em Berlim no vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=SuQuDm3vcfQ>. Acesso em 10 de junho de 2020.



reside desde 1991. Na global São Paulo, uma multidão de transeuntes habituou-se a ver seu autorretrato² anonimamente inserido em uma série de imagens (ampliadas em painéis de vidro) que retratam um pouco da diversidade dos rostos que frequentam o metrô Sumaré, onde essa obra pública emblemática vive³.

Isso também informa seu apreço pela noção identitária alemã de Kultur, criticamente interessada nos fatos intelectuais, religiosos e artísticos em um processo assentado no eixo histórico da noção de civilização. Ela relaciona indivíduo, em seus afetos e suas condutas, e sociedade de maneira indissolúvel⁴. Motivo de reflexão desse artista, essa questão é retomada em sua poética de várias formas, como em Sistema Uniplanetário – In Memoriam Galileu Galilei, exposta pela primeira vez em 2008 nas ruínas da Igreja St. Johannes Evangelist em Bertlim-Mitt, depois em 2009 e 2018, na Pinacoteca de São Paulo e no MAM-Rio respectivamente. Ou, em 2019, na série de grande formato, intitulada Apocalipse⁵,

sobre o terrorismo. Aí, o artista “explode conceitualmente” várias edificações de primeira grandeza da história global da arquitetura.

Bem inserido no mercado das artes e com uma lista imensa de exposições em importantes equipamentos culturais, Flemming é motivo de publicações e de debate crítico realizado por artistas e especialistas. Entre tantos, recorde-se: a coletânea *Alex Flemming*, organizada por Ana Mae Barbosa; o livro *Alex Flemming, uma poética....* de Katia Canton, ambos de 2002; o *Alex Flemming*, de Mayra Laudanna, editado em 2016; os escritos de João Augusto Frayze-Periera; e a dissertação em Artes *Alex Flemming e o corpo: Bodybuilders* de Lucas Tolotti (2019). Em sintonia com a urgência do tempo presente, Flemming entende a obra de arte como coisa mental. Ela demanda uma diligência disciplinada por parte do artista que trabalha, explorando e combinando suas linguagens e materialidades⁶, incessantemente, sem se pautar por seus usos tradicionais, embora os conheça. Prioritariamente pintor, Flemming

2 Flemming ocupa-se desse tema direta ou indiretamente em mais de uma ocasião: em *Artista Viajante* do MACS ou *Artista Plástico e Artista Hipocondríaco* da Coleção Severino Martins.

3 Flemming, Alex. *Estação Sumaré*. São Paulo: Metrô, 1998. Ver essa série de 1998 com textos inscritos nos retratos em 3x4 em https://www.youtube.com/watch?v=SJ4mBLwc_t4. Outras obras de caráter público são aquelas vistas na Biblioteca Mário de Andrade (<https://tvcultura.com.br/videos/59295-metropolis-alex-flemming-na-biblioteca-mario-de-andrade.html>) e a da Estação CPTM de Santo André. Acesso em 17 de junho de 2020.

4 Veja a obra em movimento no link https://www.youtube.com/watch?time_continue=33&v=NGoCQrj7-5M&feature=emb_title. Um comentário a seu respeito, situando-a no contexto das obras de Flemming, em <https://artebrasileiros.com.br/da-redacao/alex-flemming-o-artista-viajante/>. Acessos em 1 de julho de 2020.

5 <https://alexflemming.com.br/project/apocalipse/>. Acesso em 3 de julho de 2020.

6 Pioneiro do grafite no Brasil, autor de obras provocadoras que combinam corpos de humanos e animais ou reposicionam o objeto de arte, como na série *Lápide*, Flemming participou da Mostra Novos Meios Multimeios Brasil 70/80, na FAAP, em 1985. Segundo Angélica de Moraes, essa foi uma das primeiras exposições no Brasil em espaço institucional a enfocar a expansão das artes visuais para os meios tecnológicos. Em *Alex Flemming*. São Paulo: Cosac Naify, 2012, p. 13.

não segue regras artísticas a rigor. Ele busca uma circularidade dos conceitos (que são imagens)⁷. A curadora Mayra Laudanna, da sua RetroPerspectiva, sintetiza: “tal circularidade também é de sua produção”⁸.

O corpo/alma, enquanto um Uno⁹, ocupa um lugar central no conjunto de sua obra, como nas notáveis séries Bodybuilders e Natureza-morta, em fotogravuras, que denunciavam a tortura no final dos anos 70. O quadro em grande formato Olympia no Hospital (2012), que o MAV recebeu em comodato para seu acervo desde 2018, pertence à série Caos¹⁰. Nela, a pintura tem por base a fotografia, que vertebrava a obra de Flemming. Os corpos dos sujeitos, inclusive de Flemming, são transparentes. Eles comparecem em seus contornos, sem pele, sendo definidos pelas roupas, acessórios e mobiliários. O pintor privilegiou uma energia cromática vibrante que transpassa a figura humana e o fundo de pinceladas largas em prata, preto e branco – essa substância física das cores conforma um traço comum à série Caos, de onde procedem essas “pessoas”, onde se inserem e para onde vão¹¹. O Caos é uma matéria a conformar uma certa condição humana. De imediato, o trabalho remete à Olympia (1863), do pintor moderno francês Édouard Manet

(1832-1883). Impopular quando apresentada na Sala M do Salão de Paris em 1865, causando enorme escândalo no público visitante, com ampla repercussão entre os críticos nos jornais da época, hoje é obra referencial do Museu d’Orsay, em Paris, considerada obra fundacional da arte moderna. Com sua Olympia, Flemming conjura a tradição artística europeia dos nus, especialmente de Manet diante da obra Venus de Urbino (1538), do importante pintor veneziano Ticiano (c. 1490-1576). Manet a estudou nos Uffizzi em Florença, como muitos outros estudantes de arte faziam. A incasta Olympia de Manet, pseudônimo comum das prostitutas de então, ficava confinada às margens da ordem social vigente. Já a Olympia de Flemming define-se pelo corpo clinicamente tratado, confinado a espaços hospitalares e de asilo, dependente de respirador. A sexuada Olympia de Manet encara o espectador, preferencialmente masculino, ficcionalizando a presença do cliente que contrata seus préstimos. Nesta Olympia, a relação do ver e ser visto baseia-se em uma relação monetarizada, na qual o corpo assume um valor de troca. Enquanto a Olympia de Flemming olha diretamente para o espectador, evocando em nós as figuras de médicos, profissionais da saúde e visitantes, sendo o corpo atravessado por

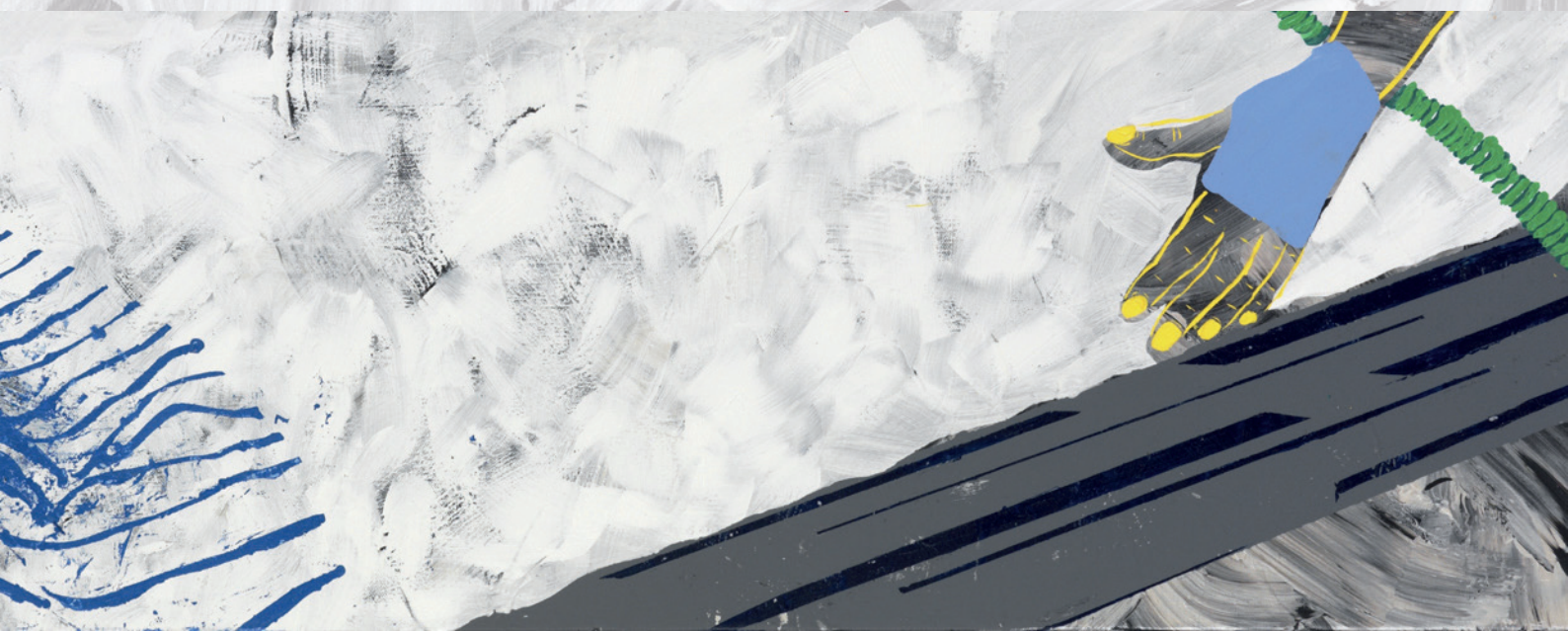
7 Esse traço transparecia em sua Alex Flemming. RetroPerspectiva no MAC/USP em 2016. <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2016/flemming/home.htm>. Acesso em 29 de junho de 2020.

8 <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2016/flemming/curador.html#topo>. Acesso em 2 de julho de 2020.

9 Definição dada pelo artista em Apêndice III. Tolotti, Lucas. *Alex Flemming e o corpo: Bodybuilders*. Dissertação de Mestrado, USP, 2019, p. 108.

10 Para ter uma noção desta série, ver <https://alexflemming.com.br/project/caos/>. Acesso em 16 de junho de 2020.

11 Ver sua entrevista em <https://tvcultura.com.br/videos/55657-metropolis-alex-flemming.html>. Acesso em 6 de julho de 2020.



práticas e saberes que definem sua condição de vida e morte. Olympia no hospital não é rodeada por orquídeas, rosas, criadas, como se via nos outros quadros. Ela não está nua. Está calçada e usa botas avental hospitalar, máscara. Existe ligada a fios para suportar a vida. Sem o viço de Olympia de Manet, esta Olympia encontra-se sob risco, pois a vida e a saúde não são certas. Pelo contrário, a obra refere-se a uma incerteza viva, entre a vida e morte, como condição de existência. No tempo da COVID vida, Olympia no hospital potencialmente pode referir-se a qualquer um em escala planetária, ganhando foros de retrato, e o nome Olympia pode nomear mais de um gênero. Com sua inteligência visual, Flemming fala da condição clínica da vida e, por analogia, da obra de arte. Neste sentido, Flemming talvez insinue que há algo de doente e/ou clinicamente tratável no sistema museu – uma moradia plausível para uma pintura dessas proporções.

Iara Lis Schiavinatto

Historiadora, Professora Associada do Instituto de Artes da UNICAMP onde ensina na Graduação em Midialogia e nos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais e em História. É pesquisadora do CNPq. Foi Diretora Associada do MAV UNICAMP entre 2017 e 2019. Entre outros, publicou com Eduardo Costa a coletânea Cultura Visual e História (Alameda) e com Erika Zerwes o estudo monográfico Cultura Visual: imagens da modernidade (Cortez). Seus trabalhos têm ênfase nas áreas de cultura visual, história intelectual e memória.

* Texto elaborado especificamente para a seção Publicações do site do MAV. Julho de 2020.

